CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
HUGO FREGONESE – O DESENRAIZADO (1908-1987)
24 e 28 de Julho de 2026

MY SIX CONVICTS / 1952
(Os Meus Seis Criminosos)

Um filme de Hugo Fregonese

Realização: Hugo Fregonese / Argumento: Michael Blankfort, baseado num livo de Donald Powell Wilson / Direcção de Fotografia: Guy Roe / Direcção Artística: Rudolph Sternad, Edward L. Ilou e Fred M. McLean / Música: Dimitri Tiomkin / Som: Lambert Day / Montagem: Gene Havlick / Interpretação: John Beal (Doc), Millard Mitchell (James Connie), Gilbert Roland (Punch Piñero), Marshall Thompson (Blivens Scott), Alf Kjellin (Clem Randall), Harry Morgan (Dawson), Jay Adler (Steve Kopac), Regis Toomey (Dr. Gordon), Fay Roope (guarda), Carleton Young (Haggarty), John Marley (Knotty Johnson), Russ Conway (Dr. Hughes), Byron Foulger (Dr. Brint), etc.

Produção: Stanley Kramer Productions, para a Columbia Pictures / Produtor: Stanley Kramer / Cópia: 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem eletrónica em português / Duração: 104 minutos / Estreia em Portugal: 1 de Junho de 1955.

A sessão de dia 28 tem lugar na Esplanada 39 Degraus

***

My Six Convicts é, em primeiro lugar, um exemplo das preocupações de Stanley Kramer, que por esta altura cimentava a sua posição de produtor independente ou semi-independente (tinha um acordo de distribuição dos seus filmes com a Columbia, mas conservava a liberdade de escolha dos temas que pretendia abordar). É um filme do mesmo ano de uma das mais célebres produções de Kramer, **High Noon**, e sucedia, por exemplo, a **The Men** (de 1950), conhecido por abordar um tema delicado (as sequelas físicas trazidas pelos soldados americanos regressados dos campos de batalha da II Guerra) mas ainda mais por ter dado a Marlon Brando a oportunidade de se estrear no cinema. E é um filme que, nesses anos do pós-guerra em que o "social" começava a entrar no cinema americano com uma premência diferente da que sucedera antes, se volta para as margens da sociedade, para a instância prisional e para a população de reclusos, que como se sabe sempre foi proporcionalmente (e em comparação com outros países) bastante elevada nos Estados Unidos. A intenção era realista, ou pelo menos, correspondia a uma preocupação de autenticidade, que levou a que o filme fosse rodado numa prisão verdadeira, a célebre San Quentin. Também por isto – e no que isto releva de uma preocupação não isolada, por esta altura, no tratamento do universo prisional – o filme que **My Six Convicts** directamente permite evocar é outro título, **Riot in Cell Block 11**, que Don Siegel rodaria dois anos mais tarde também numa autêntica prisão (e igualmente famosa, a de Folsom), filme visto aqui nesta sala há relativamente pouco tempo (no ciclo dedicada a série B, em 2017). Mas autenticidade, ainda, na própria matriz do argumento, que adapta o livro, baseado na experiênca pessoal do autor, em que o psicológo Donald Powell Wilson descreveu o seu trabalho com reclusos (e que corresponde à personagem interpretada por John Beal, mesmo se nas peripécias e na caracterização das personagens dos reclusos o filme realizado por Hugo Fregonese toma, ao que podemos saber, bastantes liberdades "criativas").

E chegamos a Hugo Fregonese (1908-1987), realizador que depois de muitos anos de quase completo esquecimento anda a ser redescoberto (a última edição do Cinema Ritrovato em Bolonha teve uma secção dedicada a essa redescoberta). Fregonese, argentino de Mendoza, teve um percurso

curioso. A sua paixão era o jornalismo desportivo, e foi para trabalhar nessa área que, no final dos anos 30, se fixou nos Estados Unidos, como correspondente da imprensa argentina. Veio a guerra e a política de "boa vizinhança" com a América Latina promovida por Roosevelt como forma de combater a influência do nazismo no continente sul-americano, e um incentivo ao acréscimo de produções hollywoodianas com personagens ou lugares sul-americanos – e Fregonese deu por si empregado em Hollywood, com a função de "consultor" para garantir que as caracterizações sul-americanas nos filmes de Hollywood eram correctas ou, pelo menos, não-ofensivas. O contacto com o meio do cinema despertou qualquer coisa nele, que depois de voltar à Argentina (ainda durante a guerra) começou a realizar filmes. Em meados dos anos 40 voltou aos EUA, onde durante duas décadas trabalharia assiduamente, quase sempre nos contornos da série B. **My Six Convicts** é do ano seguinte a um dos seus filmes mais celebrados (**Apache Drums**, um western produzido por Val Lewton), e do ano anterior a dois dos seus melhores filmes (**Blowing Wild**, outro western, com Gary Cooper e Barbara Stanwyck, e **Man in the Attic**, uma soberba recriação da história de Jack, o Estripador que vimos aqui nesse ciclo dedicado à série B que acima mencionámos). E, sem ser tão famoso (e porventura nem tão bom) como esses títulos, deu a Fregonese o seu momento de maior reconhecimento institucional em Hollywood, com uma nomeação para os prémios anuais da "guilda dos realizadores americanos", a Director's Guild of America.

My Six Convicts vive do balanço entre o realismo, que é em primeiro lugar um realismo físico e descritivo (nomeadamente dos espaços da prisão, mas também da sua organização concentracionária, que Fregonese filma muito bem) e uma maior "amplitude", chamemos-lhe assim, no retrato tipificado das personagens. Os "seis condenados" (que são os seis reclusos com que o psicólogo directamente trabalhou) têm uma caracterização bastante exuberante, até na forma como todos correspondem a uma tipologia diferente, como criminosos e como homens, incluindo aqui a sua origem social. E, sem fazer de ninguém um "santo", a aposta do filme está na transformação desses estereótipos de criminosos em seres humanos, dados com um mínimo de complexidade psicológica – o que vale por dizer, pensando no espectador americano do princípio dos anos 50, que se trata de o "aproximar" da população prisional, torná-lo consciente das circunstâncias em que essa população vive (e em que essa população foi parar à prisão), oferecer-lhe um retrato da humanidade reclusa. O caminho para lá chegar tem várias singularidades – desde as sequências de acção, como a da tentativa de fuga, quase um "clássico" dos filmes de prisão, ao retrato das interações do grupo, uma espécie de "teatro prisional" de onde não está ausente, em várias cenas (e nas várias formas das personagens se apresentarem), um tom próximo da comédia (como se as personagens se oferecessem exactamente assim, "em personagens", em "espectáculo"). Fregonese mostra o seu olhar de cineasta, contudo, mais na forma como torna o espaço bastante expressivo. Por exemplo, já perto do final, aquele plano geral em picado sobre o pátio da prisão, onde as linhas parecem desencontradas, prevalecem as oblíquas, e no desenho geométrico formado pelo enquadramento exprime-se uma desordem que está até, de certa forma, *a contrario* da relativa bonomia com que a narrativa se conclui.

Luís Miguel Oliveira